

# Orquestra Sinfónica

## do Porto Casa da Música

Martin André direcção musical

08 Jan 2021 · 19:30 Sala Suggia

10 Jan 2021 · 11:00 Sala Suggia

CONCERTO DE ANO NOVO



casa da música

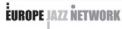
MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA





Entrevista com o maestro Martin André sobre o programa.  
[VIMEO.COM/497233672](https://vimeo.com/497233672)

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



## **Johann Strauss II**

*Morgenblätter*, op. 279 (valsa) (1863)

*Annen-Polka*, op. 117 (polca francesa) (1852)

“Czardas”, da ópera *Ritter Pázmán* (1892)

*Keiser-Walzer*, op. 437 (valsa) (1888)

*Leichtes Blut*, op. 319 (polca rápida) (1867)

*Contos dos Bosques de Viena*, op. 325 (valsa) (1868)

## **Johann Strauss II e Josef Strauss**

*Pizzicato-Polka* (1869)

## **Johann Strauss II**

*Perpetuum Mobile*, op. 257 (1861)

Abertura da opereta *O Morcego* (1874)

Duração aproximada do concerto: 1 hora sem intervalo.

## Johann Strauss II

ST. ULRICH, 25 DE OUTUBRO DE 1825

VIENA, 3 DE JUNHO DE 1899

Os concertos de Ano Novo estão intimamente ligados à interpretação de obras da família Strauss pelas grandes orquestras mundiais, tendo como grande marco o concerto de ano novo da Filarmónica de Viena, em 1939, no Musikverein, com direcção musical do maestro Clemens Krauss (1893-1954). Esse concerto influenciou muitos outros que incluíam maioritariamente as obras de Johann Strauss II, num alinhamento semelhante ao que hoje é apresentado na Casa da Música (com excepção da ausente *Marcha Egípcia*, op. 335).

Este programa percorre algumas das obras mais icónicas de Johann Strauss II, conhecido como o Rei da Valsa — compôs cerca de 500. Além das valsas, também as polcas e as operetas revelam a sua considerável produção, assim como o estatuto ímpar que alcançou na sociedade vienense e nos principais palcos mundiais. Ouviremos, assim, as valsas *Morgenblätter*, *Kaiser-Walzer* e *Contos dos Bosques de Viena*, as polcas *Annen-Polka*, *Leichtes But* e *Pizzicato Polka*, passando pelos frenéticos *Perpetuum mobile* e “Czardas” da ópera *Ritter Pázmán*, terminando com a fascinante abertura da opereta *O Morcego*.

O programa abre com a valsa *Morgenblätter*, que apresenta um contexto de composição particular. Em 1863, o compositor Jacques Offenbach (1819-1880) ofereceu uma valsa para ser apresentada no baile da Associação de autores e jornalistas “Concordia”, de Viena, como resultado da sua visita àquela cidade. A obra receberia, por parte da associação, o título *Abendblätter* (Jornais da noite). Strauss, que iria dirigir a orquestra no baile, dedicou

também uma valsa à supracitada associação, deixando aos dirigentes a escolha do título, que acabou por ser *Morgenblätter* (Jornais da manhã). O baile teve lugar na sala Sofienbad-Saal, a 12 de Janeiro de 1864, com Strauss a dirigir ambas as valsas, que foram bem recebidas pelo público. *Morgenblätter* inicia-se com uma secção tranquila que parece anunciar, de forma firme, a melodia sedutora e elegante da primeira valsa. Com a mestria habitual, Strauss apresenta depois outras valsas, cada uma com o seu carácter, entre um espírito romântico, majestoso ou festivo e o clímax da quinta valsa, antecedendo uma coda que introduz alguma tensão antes do final exuberante e alegre que nos remete para o ambiente do baile.

Segue-se *Annen-Polka*, composta em 1852 por ocasião do *Annenfest* (as comemorações do dia de Santa Ana, celebrado a 26 de Julho) e apresentada no parque municipal do Prater, em Viena. Durante o séc. XIX, as celebrações tinham grande visibilidade naquela cidade, incluindo vários concertos e outras actividades artísticas e lúdicas. Fora também neste âmbito que o pai Johann Strauss I compora, dez anos antes, uma obra com a mesma denominação. Após a morte deste, em 1849, o jovem Johann procurava afirmar-se como um dos mais promissores compositores vienenses — o que viria a acontecer e abrir-lhe inclusive o caminho para se tornar director musical dos bailes da corte. A *Annen-Polka* viria a tornar-se uma das suas obras mais icónicas, recebida com grande entusiasmo pelo público vienense. Este terá pedido que fosse repetida várias vezes, devido à sua curta duração. Musicalmente, a obra aproxima-se da polca francesa, cativando o ouvinte através de quatro melodias elegantes apoiadas por uma exemplar orquestração, traço que viria a tornar-se uma marca do compositor.

A obra seguinte integra uma secção da única ópera do compositor. Strauss ficou também conhecido pela composição de várias operetas que alcançaram considerável visibilidade no seu tempo. No campo da ópera, compôs *Ritter Pázmán* quando contava já 66 anos. A estreia teve lugar na Hofoper, em Viena, no dia de Ano Novo de 1892. O libreto foi escrito pelo poeta e jornalista húngaro Lajos Dóczy (1845-1918), a partir do poema narrativo *Pázmán Lovag* de János Arany (1817-1882). Apesar da expectativa, a obra não foi recebida com grande entusiasmo pelo público e pela crítica, mesmo apresentando sedutoras melodias e danças húngaras. No entanto, o influente crítico musical Eduard Hanslick (1825-1904) ficou agradado com as “Czardas” que integram um conjunto de danças no terceiro acto, numa secção destinada ao bailado, destacando-as como a “jóia da coroa” desta ópera, numa construção musical quase extasiante que considerou simplesmente extraordinária. De resto, o crítico referiu no seu artigo publicado no *Neue Frei Presse*, a 3 de Janeiro de 1892, que Strauss deveria presentear os seus ouvintes com um bailado completo.

As “Czardas” introduziram naquela ópera o ambiente sonoro nacional húngaro — não apenas pelo contraste lento-rápido, culminando num final frenético, mas também pelo destaque conferido ao clarinete e aos violinos. Strauss constrói esta dança com uma introdução, seguindo-se uma parte mais lenta e típica das czardas intitulada *lassan*. Após uma transição animada, surge uma secção mais viva e cada vez mais rápida, denominada *friss*. A obra termina com uma coda exuberante e arrebatadora.

Também entre as obras mais tardias encontramos *Kaiser-Walzer*, op. 437, composta por Strauss em 1889, quando contava 64 anos. Foi

concebida para a inauguração da sala de concertos Königsbau, em Berlim, sendo estreada sob a batuta do compositor a 21 de Outubro desse ano. A inspiração surgiu da visita realizada pelo Imperador da Áustria, Franz Joseph I, ao Kaiser alemão Wilhelm II, representando um brinde entre ambas as nações, um aperto de mãos de amizade. A primeira denominação da obra (*Hand in Hand*) fazia referência a essa ideia, tendo sido proposta pelo editor Fritz Simrock a sua alteração com o intuito de homenagear ambos os soberanos, o que agradou ao compositor. A estreia foi marcada por um grande sucesso junto do público, que solicitou ouvi-la novamente.

A valsa inicia-se com uma introdução, uma marcha lenta, à qual se segue a primeira valsa, em tom mais vienense, com destaque para o violoncelo, seguindo-se um trabalho orquestral que amplia, em *forte*, a melodia principal. A segunda valsa apresenta uma melodia elegante, com apontamentos das flautas e dos oboés em escalas ascendentes e secções com dinâmicas contrastantes. As duas valsas seguintes invocam sonoridades verdadeiramente triunfantes, explorando os metais e a restante orquestra mas convocando também algum do material das valsas anteriores.

No âmbito das polcas, surge em programa *Leichtes Blut*, op. 319, composta em 1867 e que nos invade com a sua vivacidade. Strauss pretendia compor uma polca com um ambiente leve e jovial, facto que transparece ao longo desta curta peça musical apresentada com mais obras suas e dos seus irmãos num concerto de Carnaval, em Março de 1867, no Volksgarten de Viena. A obra foi interpretada em Paris no Verão seguinte e ganhou considerável visibilidade internacional.

Ao nível musical, trata-se de uma *schnell-polka*, ou seja, uma polca com o tempo mais rápido. Comparando-a com outras das suas polcas, aqui Strauss opta por reduzir o material musical a quatro melodias que explora com a habitual festividade orquestral, em momentos ritmicamente marcados pelos pratos e pela eloquência das cordas e da restante orquestra.

Segue-se, no programa, a valsa **Contos dos Bosques de Viena**, op. 325, composta em 1868 e uma clara referência a uma zona de floresta no sopé dos Alpes, na Baixa Áustria, frequentada por muitos vienenses. Ao longo da obra, Strauss invoca diferentes imagens sonoras que vão desde a música popular dos camponeses que habitam aquela região, passando pela escolha da cítara, que adquire destaque nesta obra, até à inspiração do *ländler*, combinando depois com a elegância do imaginário associado às valsas vienenses. A introdução desta valsa é uma das mais longas que compôs, iniciando-se com um diálogo entre os instrumentos e um tema leve que remete para o cenário mais campestre, incluindo um pequeno solo de violino. O apontamento da flauta parece remeter-nos para o canto dos pássaros, antecedendo a melodia na cítara, numa clara invocação do *ländler*, depois replicado pela orquestra. Com a mestria habitual, Strauss brinda depois o ouvinte com uma melodia bem delineada conhecida do grande público, seguindo-se outras melodias nas restantes valsas, até ao final num clímax com os metais e a percussão em grande intensidade.

Num ambiente diferente surge **Pizzicato-Polka**, op. 234, composta por Johann Strauss e pelo seu irmão **Josef Strauss** (1827-1870). A ideia para esta polca surgiu quando os irmãos se encontravam na Rússia, em 1869, para uma série de concertos em Pavlovsk, perto de São

Petersburgo. De modo a conseguir a atenção do público, Johann Strauss propôs ao seu irmão que compusesse uma polca em *pizzicato*, sugestão rejeitada prontamente por Josef. Foi quando Johann propôs que a compusessem em conjunto que Josef ponderou aceitar, juntando esforços com o seu irmão para criar uma obra cativante para cordas, com a adição do *glockenspiel*. Finalizada a obra, foi apresentada a 24 de Junho desse ano, causando grande furor junto do público, que solicitou a sua repetição várias vezes. A obra seria apresentada em Viena nesse mesmo ano, a 14 de Novembro, sob a direcção de Josef Strauss. O início algo enigmático da *Pizzicato-Polka* parece preparar-nos para um mundo sonoro pleno de pequenas surpresas e bem-humorado. As cordas apresentam-nos quatro melodias distintas que permitem captar diferentes humores.

Prosseguindo com o bom humor, o programa apresenta-nos **Perpetuum Mobile**, op. 257. A obra é baseada na ideia do movimento perpétuo, em jeito de desafio, como revela o subtítulo “Ein Musikalischer Scherz”, e foi concretizada por Johann Strauss em 1861. Foi estreada a 4 de Abril desse ano, embora não existam muitas referências acerca da sua recepção. Partindo de um tema curto, Johann Strauss impõe um tempo rápido para uma sucessão de apontamentos solísticos que dão um colorido ímpar à obra, passando por instrumentos como o fagote, os violinos, a flauta, o *glockenspiel* e os timpani, para nomear apenas alguns, numa sucessão de eventos de boa disposição partilhada por toda a orquestra. Apesar de se impor a questão de como terminar um movimento perpétuo, Strauss fá-lo ao fim de 210 compassos, com os solos do clarinete e do fagote.

O programa termina com a abertura da opereta *O Morcego (Die Fledermaus)*, estreada a 5 de Abril de 1874, no Theater an der Wien. O libreto ficou a cargo de Carl Haffner e Richard Genée, baseado na comédia em três actos *Le Réveillon*, da autoria de Henri Meilhac e Ludovic Halévy, esta última apresentada no Théâtre du Palais-Royal, em Paris, a 10 de Setembro de 1872. A estreia da opereta foi um estrondoso sucesso, levando a várias récitas e à subida aos palcos de vários teatros europeus e dos Estados Unidos da América, constando em diversas temporadas líricas nos anos que se seguiram. O público ficou de imediato cativado pelo modo como a trama explora os jogos de identidade das personagens, os encontros e desencontros, os elementos cómicos, as vinganças e outros elementos que prendem a atenção.

Em concerto, apresenta-se a abertura que reúne alguns dos temas mais marcantes da opereta. O início é decisivo e forte, seguindo-se uma secção com uma melodia nos violinos e depois uma valsa com um tema bem conhecido do público. Strauss apresenta, posteriormente, outras ideias musicais, em particular melodias mais líricas nas cordas, retomando depois o material já exposto e desaguando numa coda intensa e enérgica.

PEDRO RUSSO MOREIRA, 2021

## Martin André direcção musical

Martin André apresenta-se com igual à-vontade nos teatros de ópera e nas salas de concerto de todo o mundo. Prossegue com afinco o trabalho com o Artisti con Brio, formação que fundou e que apresenta projectos especiais em toda a Europa.

Depois de estudar violino e piano na Yehudi Menuhin School, prosseguiu os estudos musicais na Universidade de Cambridge e estreou-se profissionalmente a dirigir *Aida* na Ópera Nacional de Gales, em 1982. Tem trabalhado regularmente em países como Áustria, Canadá, República Checa, Dinamarca, Alemanha, Holanda, Israel, Itália, Nova Zelândia, Portugal, África do Sul e EUA.

Tem um repertório de ópera vasto, mas é particularmente conhecido pelas suas interpretações de Janáček, Verdi e Mozart. É um dos raros maestros que dirigiu todas as principais companhias de ópera britânicas, apresentando obras como *Un ballo in maschera* (Royal Opera House) e as estreias britânicas de *Cornet Christoph Rilke* de Matthus e *The Makropoulus Case* (Glyndebourne Touring Opera). Dirigiu ainda obras de Lehár, Mozart e Janáček (Ópera Escocesa), Prokofieff, e ainda a estreia mundial de *Bakxai* de John Buller na English National Opera. Com a Opera North, dirigiu produções com música de Falla, Gounod, Janáček, Lehár, Martinů, Puccini, Rachmaninoff, Ravel e Verdi. Em 2000 dirigiu uma transmissão em directo de *As Bodas de Fígaro* para a BBC. No festival Garsington Opera, dirigiu óperas de Stravinski, Martinů, Mozart e Humperdinck. Foi Director Musical da English Touring Opera entre 1993 e 1996.

No domínio da música sinfónica, o seu repertório é também extenso e variado, destacando-se particularmente as obras de Mozart,

Nielsen, Chostakovitch e Tchaikovski. Desenvolve relações especialmente duradouras com a Sinfónica de Limburgo (Holanda), a Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música e o Collegium Musicum Bergen (Noruega). Trabalhou com muitas das principais orquestras britânicas e de países como Austrália, Israel, México, Holanda, Noruega e Portugal.

Martin André tem um interesse particular em ajudar a nova geração de músicos, especialmente maestros. Tem uma relação próxima com o Royal College of Music (Londres), onde criou um Programa de Treino de Repertório Orquestral. Em 2006, fundou a orquestra portuguesa de jovens Momentum Perpetuum, que dirigiu durante cinco anos e com a qual fez uma digressão a Itália.

Entre 2010 e 2013, foi Director Artístico do Teatro Nacional de São Carlos em Lisboa. Como tal, foi Director Executivo de duas das maiores instituições portuguesas: a Ópera Nacional e a Orquestra Sinfónica Portuguesa. Para além das funções executivas, dirigiu várias produções entre as quais uma trilogia de *La traviata*, *Il trovatore* e *Rigoletto* para comemorar o Bicentenário de Verdi em 2013. Com a Orquestra Sinfónica Portuguesa, dirigiu a integral das Sinfonias de Mozart e outras grandes obras sinfónicas e corais.

Desenvolveu depois dois grandes projectos na Dinamarca com as óperas *Lucia di Lammermoor* e *L'amico Fritz* para a Den Jyske Opera, tendo dirigindo 5 orquestras diferentes na digressão nacional das produções. Com a Sinfónica da BBC e os BBC Singers, fez a estreia mundial de *A Christmas Carol* de Neil Brand. Dirigiu também a Orquestra Sinfónica de Banguecoque.



## Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

**Stefan Blunier** maestro titular

**Christian Zacharias** maestro convidado principal

**Leopold Hager** maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomàrico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann e Philippe Manoury.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, estando programada para 2021 a sua primeira actuação na emblemática Philharmonie de Colónia. Ainda este ano, interpreta a integral das sinfonias de Sibelius e novas encomendas da Casa da Música aos compositores Luca Francesconi, Francesco Filidei, Pedro Amaral e Carlos Lopes.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e

Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017) e Harrison Birtwistle (2020), além de obras de compositores portugueses e da integral dos Concertos para piano e orquestra de Rachmaninoff (2017), todos com gravações ao vivo na Casa da Música.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa, foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), vindo posteriormente a ser criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

**Violino I**

Martyn Jackson  
Veliyana Yordanova\*  
Radu Ungureanu  
Ianina Khmelik  
Emília Vanguelova  
Vladimir Grinman  
Roumiana Badeva  
Alan Guimarães

**Violino II**

Ana Madalena Ribeiro  
Tatiana Afanasieva  
Lilit Davtyan  
Karolina Andrzejczak  
Mariana Costa  
Francisco Pereira de Sousa  
Domingos Lopes  
Nikola Vasiljev

**Viola**

Alexander Znamenskiy  
Anna Gonera  
Jean Loup Lecomte  
Biliana Chamlieva  
Luís Norberto Silva  
Theo Ellegiers

**Violoncelo**

Nikolai Gimaletdinov  
João Cunha  
Bruno Cardoso  
Hrant Yerosyan

**Contrabaixo**

Florian Pertzborn  
Nadia Choi  
Altino Carvalho

**Flauta**

Paulo Barros  
Alexander Auer

**Oboé**

Tamás Bartók  
Roberto Henriques

**Clarinete**

Carlos Alves  
João Moreira

**Fagote**

Maria Castro\*  
Robert Glassburner

**Trompa**

Nuno Vaz  
Eddy Tauber  
Hugo Carneiro  
José Bernardo Silva  
Bohdan Sebestik

**Trompete**

Ivan Crespo  
Rui Brito

**Trombone**

Dawid Seidenberg  
Zeferino Pinto\*  
Nuno Martins

**Tuba**

Sérgio Carolino

**Tímpanos**

Jean-François Lézé

**Percussão**

Bruno Costa  
Nuno Simões

**Harpa**

Ilaria Vivan

\*instrumentistas convidados



APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

